"TIA" É MAIS FÁCIL DE DIZER DO QUE PROFESSORA: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE DOCENTE

"AUNT" IS EASIER SAID THAN TEACHER: REFLECTIONS ON TEACHER IDENTITY

Claudemir Dantes da Silva[1]
Maria José dos Santos Provásio[2]

Resumo

O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada em um Centro de Educação Infantil público de Dourados-MS que objetivou investigar a razão pela qual algumas professoras formadas e outras em processo de formação (estagiárias) se denominam como "tias" e não como "professoras" na realização das atividades com as crianças. A pesquisa se justifica, uma vez que discute a importância da valorização do profissional da Educação Infantil, a identidade profissional e a dificuldade que algumas docentes têm de se identificar como professora. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de abordagem qualitativa com a utilização do questionário como técnica de coleta de dados. Embora atuem como professoras ficou evidente que, algumas profissionais, principalmente dos berçários, se sentem mais como tias das crianças e as auxiliares, por não terem concluído o processo de formação, dizem ser mais fácil de pronunciar a palavra "tia" ao invés de "professora", além do primeiro termo ser uma forma carinhosa.

Palavras-chave: Educação infantil. Identidade profissional. Valorização profissional.

Abstract

This paper presents the results of a research performed in a public Early Childhood Center from Dourados city- MS state, which aimed to investigate the reason by which both graduated preschool teachers and the ones still in process of graduation (trainees) self-nominate themselves as "aunts" instead of "teachers" during the daily activities with the children. It is about a valuable research, once it encompasses the importance of a valorization of the teacher as a professional of Childhood Education, besides their professional identities and the difficulty some people show in self-consider themselves as teachers. The methodology herein adopted was a qualitative approach through a questionnaire for data collection. Although the participants work as teachers, the results evidenced that some of them, especially those from nursery care, feel more like aunts than teachers in relation to the kids. Moreover, the trainees, for not having concluded their graduation course, mentioned that it is easier for the kids to pronounce "aunt" instead of "teacher", besides, "aunt" is a kind word commonly used.

Keywords: Childhood education. Professional identity. Professional valorization.

[1] Mestre e doutorando em educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), especialista em Educação Especial: Atendimento as Necessidades Especiais pelo Instituto São Francisco de Assis e especialista em Docência na Educação Infantil pela universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *E-mail*: mariajoseprovasio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada em um Centro de Educação Infantil público de Dourados-MS que objetivou investigar a razão pelo qual algumas professoras formadas e outras em processo de formação (estagiárias) se denominam como "tias" e não como "professoras"[3] na realização das atividades com as crianças.

A pesquisa se justifica, uma vez que discute a importância da valorização do profissional da Educação Infantil, a identidade profissional e a dificuldade que algumas docentes têm de se identificar como professora usando sempre a denominação "Tia" quando estão realizando atividades com as crianças.

O interesse por esse trabalho surgiu durante a experiência empírica desta pesquisadora, quando percebeu que algumas professoras se referem como "tias" quando estão conversando com as crianças.

Durante o tempo em que atuou como professora na Educação Infantil a pesquisadora observou que nos berçários esta forma de posicionamento está mais acentuada, talvez seja porque as crianças têm uma forma diferente de comunicação principalmente os berçários I e II já que ainda não falam fluentemente. Houve, então, um incômodo com esta questão e esta decidiu pesquisar para tentar compreender porque estas professoras se identificam de tal maneira.

Em sua formação inicial, os docentes universitários trabalharam vários textos que abordaram a valorização profissional do professor e estas leituras a fizeram refletir muito e desde seu início do exercício da docência, quando esta se apresenta como "professora" para as crianças, independente da faixa etária em que estiver atuando.

Foi possível constatar que as professoras se comunicam com as crianças sempre referindo a si mesmas como "tias", sendo assim, dificilmente elas serão chamadas de outra forma. As crianças aprendem aquilo que lhes é ensinado, ou que vivenciam o cotidiano das relações estabelecidas no meio em que estão inseridas.

Geralmente desenvolvem sua fala a partir do que ouvem, assim vão aprimorando seu vocabulário, portanto, a profissional não deve deixar de pronunciar palavras que julgam complexas para elas, uma vez que a complexidade vai diminuindo conforme a frequência com que ouve a palavra. Se a professora utiliza palavras que considera simples, por exemplo, o

[3] Os termos "Tias e professoras" foram adotados no feminino neste artigo porque na instituição que será analisada não há educadores do sexo masculino.

termo "tia" ao invés de "professora" para facilitar a compreensão da criança, esta terá mais dificuldade de ampliar seu repertório ainda em processo de formação.

Essa percepção de certa forma despertou algumas indagações: por que "tia" e não "professora"? Qual foi o tipo de formação que estas educadoras tiveram ou estão tendo? Será que esta forma de posicionamento tem relação com o fato de que na Educação Infantil o educador não ministra aula, ou tem a ver com sua identidade profissional? Será que estas professoras recebem alguma orientação de como devem se auto referir quando estão com as crianças?

Referente ao termo "tia" utilizado para as professoras, Paulo Freire (1997) ressalta:

> A tentativa de reduzir a *professora* à condição de *tia* é uma 'inocente' armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de *adocicar* a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. Entre elas, por exemplo, a de desafiar seus alunos, desde a mais tenra e adequada idade, através de jogos, de estórias, de leituras para compreender a necessidade da coerência entre discurso e prática [...]. (FREIRE, 1997, p.18).

Para algumas pessoas a palavra "tia" é apenas uma forma carinhosa de se referir à professora e, muitas delas não fazem ideia do valor ideológico que está por trás desta simples palavra. É uma forma de tornar a professora incapaz de lutar por seus direitos, porque uma tia que se preze se sacrificaria por seus sobrinhos não fazendo algo que pudesse prejudicá-los, por exemplo, fazendo greve em prol de melhores condições de trabalho e salário mais justo.

A pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil no município de Dourados, a mesma aborda questões sobre a Identidade Profissional das professoras que atuam no espaço educacional. O primeiro subitem apresenta a valorização e busca por identidade das profissionais da educação infantil; o segundo descreve os passos da pesquisa; o terceiro apresenta de que modo as professoras participantes da pesquisa se autodenominam e, por fim, o último item faz algumas considerações acerca da pesquisa realizada.

Profissionais da educação infantil: valorização e busca por identidade

Há décadas o professor vem lutando por melhores condições de trabalho para que as crianças tenham seus direitos atendidos, pois quando seu trabalho não é valorizado, as crianças também são prejudicadas. Por esta razão, deve-se refletir sobre a ideologia que o termo "tia" carrega, já que traz implícita uma maneira de enfraquecer e reduzir os movimentos de lutas das professoras. A primeira exigência para ser professora é passar por

uma formação acadêmica. Precisa-se desconstruir a ideia de que provavelmente a nomenclatura "professora" é mais propícia aos que ensinam ler e escrever.

No início da Educação Infantil as profissionais não precisavam passar por processo de formação para exercer a função, ser mãe ou gostar de criança eram as principais exigências. Atualmente, esse quadro mudou e ter Licenciatura em Pedagogia, ou estar cursando (caso das auxiliares) passou a ser exigência, embora não em todas as regiões do país. Apesar de a profissão ter passado por muitas mudanças, referir-se às docentes como "tias" ainda é algo comum. Esta forma de posicionamento pode representar desvalorização, se considerar a trajetória acadêmica trilhada para que se possa atuar na área:

> Recusar a identificação da figura do *professor* com a da *tia* não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da *tia,* da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valoração à *lei.* Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental ì *professor:* sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente. A recusa, a meu ver, se deve sobretudo a duas razões principais. De um lado, evitar uma compreensão distorcida da tarefa profissional da *professora,* de outro, de ocultar a *sombra* ideológica repousando manhosamente na intimidade da falsa identificação. (FREIRE, 1997, p. 9).

A professora se opor a ser chamada de "tia" não quer dizer que a tia seja alguém com menos importância, assim como concordar também não a atribui nenhum valor. Isto, de certa forma, acaba retirando as obrigações pertinentes ao trabalho docente que são exigidas de acordo com a sua formação e quesito para exercer a profissão.

A tia e a professora ocupam lugares distintos, cada uma tem função diferente, portanto, a professora não deve se referir como tia, pois de fato ela não é. A professora tem responsabilidades que não são atribuídas à tia, então recusar esta forma de identificação significa compreender o seu papel e toda a tarefa que lhe é atribuída no exercício profissional e também uma forma de valorização do seu trabalho.

Provavelmente a pouca leitura, reflexão e discussão sobre a prática docente podem ser um dos problemas que fazem com que o próprio profissional acabe não refletindo sobre algumas ideologias existentes por trás de algumas nomenclaturas como, por exemplo, utilizar o nome "Tia" e não professora. Sem analisar criticamente podem acabar caindo em armadilhas se autodenominando de forma equivocada enquanto profissional.

Do ponto de vista profissional, esta forma de denominação é considerada inadequada, as professoras não deveriam utilizá-lo no decorrer de suas práticas, já que fora do âmbito de

trabalho acredita-se que quando alguém pergunta qual é sua profissão certamente não responderiam “tia”.

O professor constitui sua identidade profissional ao longo da carreira em meio às experiências cotidianas e nas relações com outros profissionais “a formação da identidade profissional é um processo dinâmico, construído historicamente, biográfico e correlacional”. Nesse sentido, Toninato (2006, p. 2) afirma que “[...] na formação identitária dos professores estão implícitas e explícitas essas correlações de experiências subjetivas e coletivas”.

Dessa forma, o professor da EI pode levar certo tempo para construir sua identidade profissional e a mesma poderá acontecer ao longo do tempo em meio às relações de trabalho, podendo ser visível ou não. Além das experiências, outra forma de construção de acordo com Toninato (2006, p. 13), “é a participação de programas de formação continuada [...]. Tais programas são um direito dos(a) professores(a) no sentido de aprimorar sua prática e desenvolver a si e a sua identidade profissional no exercício de seu trabalho”.

A formação do professor que atua na educação infantil não é diferente da formação do professor que trabalha na escola, portanto, não deve haver diferenciação na forma de tratamento. Entretanto, a identidade profissional de ambos é algo a ser construído durante as experiências vivenciadas ao longo da sua trajetória profissional.

> Os processos de formação se dão a conhecer pelo ponto de vista do aprendente, em interação com outras subjetividades. Os procedimentos metodológicos ou, se preferirmos, as práticas de conhecimento postas em jogo numa abordagem intersubjetiva do processo de formação, sugerem a oportunidade de uma experiência através da qual a formação se daria a conhecer. Dado que todo e qualquer objeto teórico se constrói graças à especificidade da sua metodologia, também se passa o mesmo com o conceito de formação que se enriquece com as práticas biográficas, ao longo das quais este objeto é pensado ao mesmo tempo com uma história singular e como manifestação de um ser humano [...]. (JOSSO, 2002, p. 28).

Pode-se analisar o processo de formação a partir do ponto de vista do discente, levando em consideração a sua opinião. Muitas coisas são colocadas em jogo no que diz respeito ao conhecimento, a formação pode ampliar a concepção de educação, proporcionando uma experiência importante que poderá contribuir com a prática tomando-a mais rica.

Itinerários da pesquisa

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de abordagem qualitativa com a utilização do questionário como técnica de coleta de dados. Em uma reunião pedagógica do Centro de Educação Infantil Municipal, ou CEIM, a pesquisadora conversou com as professoras presentes e explicou como seria a pesquisa e a importância da participação de cada uma delas

e, em seguida, entregou o questionário com questões abertas. Na totalidade, foram dez professoras formadas e sete em processo de formação. Todas as auxiliares aceitaram o questionário e, das professoras formadas, apenas uma não aceitou.

De acordo com Nogueira (1975),

> [...] o questionário é composto por várias questões organizadas para coletar dados para uma pesquisa e o pesquisado ou informante vai fornecer as respostas sem o auxílio do pesquisador. Pode ser entregue ao informante ou pesquisado por meio de um portador ou pelo correio, e da mesma forma devolvido ao pesquisador. Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos [...], comportamento presente ou passado etc". (GIL, 2008, p.12).

Sugeriu-se às participantes da pesquisa que respondessem os questionários e deixassem na secretaria ou coordenação para que fossem recolhidos pela pesquisadora em momento oportuno.

Dos dezesseis questionários entregues, apenas seis foram devolvidos, sendo três, das professoras e três das auxiliares. Os mesmos foram recolhidos e analisados sob a ótica de referências que abordam a questão estudada.

Este CEIM foi escolhido para a realização desta pesquisa porque a pesquisadora atuou profissionalmente lá durante um tempo e observou que algumas professoras já formadas - e outras em processo de formação - não se denominavam como professoras e sim como "tias" durante as atividades realizadas com as crianças.

Para preservar a identidades das professoras e auxiliares que colaboraram com esta pesquisa, as mesmas serão identificadas como: professora (A), professora (B) e professora (C), auxiliar (1), auxiliar (2) e auxiliar (3).

A professora (A), de trinta e sete anos, é formada em Pedagogia tem pós-graduação em Educação Infantil e trabalha na educação infantil há seis anos. A professora(B) tem quarenta e oito anos de idade, possui graduação em Pedagogia e pós-graduação em Educação Especial e trabalha há dois anos na Educação Infantil. A professora(C) tem trinta anos de idade é formada em Pedagogia na Educação Infantil trabalha há sete anos têm pós-graduação em Educação Infantil.

A auxiliar (1) tem formação em pedagogia, exerce a função de recreadora, tem trinta e um anos de idade e na Educação Infantil trabalha há nove anos. A auxiliar (2) tem quarenta e um anos de idade está cursando pedagogia e trabalha na Educação Infantil há três anos. A

auxiliar (3) está cursando Pedagogia, trabalha há um ano na Educação Infantil e tem trinta e um anos de idade.

O questionário entregue para as professoras e auxiliares foram os mesmos, contendo dez questões abertas que são: 1) Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil? 2) Porque escolheu esta profissão? 3) Em sua opinião tem algum problema a professora se referir como "tia" para as crianças durante o período que está com elas? Por quê? 4) Como você se denomina para as crianças quando está com elas? Justifique. 5) Para você existe alguma diferença em ser chamada de tia ou de professora? Por quê? 6) Em sua opinião o profissional da Educação infantil é desvalorizado por trabalhar com crianças pequenas? Justifique. 7) Você tem acesso a curso de formação continuada? 8) Durante sua formação Inicial algum professor trabalhou textos que falam sobre a valorização do (a) professor (a)? 9) Você se sente valorizada profissionalmente? 10) Você se identifica mais com o nome "tia" ou "professora"? Por quê?

A partir das respostas foi possível levantar e apontar alguns dados interessantes para análise, que serão apresentados a seguir.

Tia ou professora?

Geralmente quando pensamos em fazer um curso de formação logo imaginamos quais são as áreas de atuação. A Pedagogia oferece vários campos de trabalho, entre eles, a Educação Infantil. Ao perguntar para as professoras o que as motivou na escolha da profissão responderam:

> Porque é uma área que há demanda principalmente para mulheres, também pela flexibilidade do horário que facilita conciliar com a família (PROFESSORA A);
>
> Porque gosto muito de criança (PROFESSORA B);
>
> Identifico-me com a Educação Infantil (PROFESSORA C).
>
> Porque adoro criança, sempre amei estar entre elas e acho mágica esta fase, sem contar que são muito carinhosos e apesar da faixa etária nos ensinam muito sempre (AUXILIAR 1);
>
> Porque gosto muito de criança e me identifico com este trabalho (AUXILIAR 2);
>
> Amor em transferir o que se aprende, em geral (AUXILIAR 3).

Pudemos analisar que não houve muita diferença entre as respostas das profissionais, pois a maioria está na profissão por gostar de criança e geralmente esta é uma das respostas mais comuns. Gostar de criança sem dúvida é importante para trabalhar na Educação Infantil,

mas não é suficiente, pois há vários aspectos envolvidos que precisam ser levados em consideração para o bom desempenho do trabalho.

Para a professora A, a Educação Infantil é um campo onde a demanda é para mulheres, e a mesma atribuiu isto como motivação na escolha da profissão e também por conta do horário, pois pode escolher um dos horários para trabalhar e no contra turno se dedicar à família:

> A figura da professora frequenta as memórias de todos os indivíduos que passaram pela escola em algum momento da vida. Em geral, é uma representação feminina que tem um lugar central na educação das crianças pequenas em todos os países do Ocidente, onde majoritariamente o trabalho docente ficou nas mãos das mulheres a partir do século XIX (SARAT, 2014, p. 2).

Como relata Sarat (2014), desde o século XIX, o trabalho na área educacional ficou a cargo das mulheres, embora atualmente percebemos, cada vez mais, a ampliação de espaços para as pessoas do sexo masculino nas instituições de educação e em particular nas de educação infantil.

Algumas professoras equivocadamente preferem se denominarem para as crianças como "Tia" em vez de "Professora" porque não veem diferença no uso das terminologias. Isto acaba se tornando uma prática cotidiana a qual até os familiares das crianças se apropriam.

Indagada sobre como se denomina para as crianças, a Professora A respondeu:

> 'Tia' [...] porque acho mais fácil da criança de 1 ano, 1 ano e meio me chamar assim do que professora, até porque nesta fase ela não sabe o significado de professora. Se formos reparar outras categorias, os médicos se referem às crianças como tio, o dentista, a enfermeira, etc. O que nos remete à questão cultural da infância, principalmente dos 0 a 5 anos depois dos 6 aos 7 anos esse "costume" vai desaparecendo e a criança passa a se referir ao adulto pelo nome pessoal ou profissional como o Doutor.

Independente da faixa etária em que a professora estiver designada a desenvolver seu trabalho, a mesma pode se referir como professora, pois esta é a sua função enquanto profissional. O docente da educação infantil pode fazer uso da nomenclatura professor/a independente da forma como os profissionais de outras áreas se denominam. A criança é inteligente e capaz de diferenciar a tia da professora, pois, a tia é uma pessoa do convívio familiar e a professora do âmbito profissional é extremamente diferente a forma de relacionamento que a criança tem com uma e outra:

> [...] Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância,* certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão. Se pode ser *tio* ou *tia* geograficamente ou afetivamente

> distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente *professora,* mesmo num trabalho a longa distância, 'longe' dos alunos. (FREIRE, 1997, p. 9).

A professora é uma profissional que tem todo um trabalho a ser desenvolvido no qual exige reflexão, planejamento sobre o que pretende discutir com as crianças, ao passo que a tia tem outras especificidades diferentes. A tia não precisa estar próxima de seus sobrinhos, enquanto a professora, para desempenhar sua função, necessita de um contato quase que diário com as crianças, pois seria impossível fazê-lo de outra forma.

Em alguns casos, as profissionais da educação infantil se denominam como tia porque trabalham como auxiliar (estagiária) e ainda não tem a formação concluída "me denomino como tia, pois ainda não tenho a formação que me cabe como professora" (AUXILIAR 3). A auxiliar, mesmo não tendo concluído sua formação, já pode se denominar professora, pois está em processo de formação e a conclusão é apenas uma questão de tempo.

Durante a formação inicial é importante que haja leitura, momentos de discussão e reflexão sobre a prática docente, pois a mesma não pode ser desenvolvida mediante ao senso comum, por isso a exigência da formação para atuar nas instituições de educação infantil, pois não faz sentido estudar tanto e posteriormente depois não colocá-lo em prática:

> O atual conceito de identidade docente permite questionar muitas coisas, como por exemplo, que já não existe uma etapa determinada na qual o professorado se forma e outra na qual está na prática educativa [...] (visto que a identidade é mutante, pois é a amálgama de representações, sentimentos, experiências, biografia, influências, valores etc., que vão mudando). A consciência da subjetividade que leva em conta a identidade coletiva permitirá detectar as mais significativas necessidades como do contexto, favorecendo que a situação da formação do professorado seja parte intrínseca da profissão ao longo de toda a carreira docente. (IMBERNÓN, 2009, p.76-77).

Os professores estão em constante processo de formação e, para Imbernón (2009), não há um momento estabilizado que determina sua formação e outro para colocá-la em prática, tendo em vista que a identidade passa por constante transformação e sua construção está relacionada a alguns aspectos nos quais envolvem as experiências vivenciadas ao longo da vida, as influências adquiridas nas relações cotidianas do fazer docente, os valores cultivados etc.

Ao perguntar para as participantes da pesquisa se há alguma diferença entre ser chamada de tia ou professora, estas responderam:

> Para mim não, porque com a faixa etária que trabalho não vejo a necessidade de enfatizar terminologia pela qual a criança se refere a mim, ou até mesmo os pais acho normal chamar de tia (PROFESSORA, A);

> Não, pois tia é só uma forma nominal de falar o que vale mesmo é o respeito e dedicação na forma de trabalhar, o ensinar e aprender (AUXILIAR 3).

As professoras não se importam em serem chamadas de tia, pelo que se pode observar até gostam ou preferem esse termo. É como se não tivessem passado ou estivesse passando por uma formação acadêmica, de certa forma ignorando parte do que estudaram, ou se apresentando de forma passiva e acrítica diante da profissão docente.

Foi possível perceber que há certa deficiência na formação da maioria das professoras participantes da pesquisa, pois elas disseram que durante sua formação inicial tiveram acesso a textos e discussões sobre a valorização profissional, mas na prática isto não ficou evidente.

De acordo com Imbernón (2009, p.75?), "o trabalho docente é mais bem interpretado quando há reconhecimento da identidade, interação melhor com os outros, [...] já que o ensino exige uma interação pessoal. E a formação baseada na reflexividade será um componente necessário para fazer análise do que são ou acreditam ser e o que fazem ou como fazem".

Segundo as professoras, a coordenação sempre as orienta a se referirem como "professoras" durante as atividades com as crianças, mas mesmo assim não internalizam e continuam agindo guiadas pelo senso comum.

É necessário que haja momentos de reflexão sobre a prática docente e outras funções para que os professores e demais funcionários possam discutir sobre a valorização do trabalho que cada um desenvolve no âmbito institucional. Assim, todos terão a oportunidade de falar sobre sua função e como os demais devem se referir à sua pessoa e podendo orientar as crianças a fazer o mesmo, pois além das professoras, outras funcionárias geralmente também são chamadas de tias na instituição, ou seja, como se todas desempenhassem a mesma função.

Desde pequena, a criança já é capaz de diferenciar um termo e outro, portanto, já se pode utilizar o termo apropriado, o que vai caracterizar afetuosidade não é a palavra tia e sim a forma como a criança será acolhida pela professora. De certo modo, utilizar termos considerados mais fáceis para a criança, ao invés de usar o termo correto é o mesmo que subestimar sua inteligência e capacidade de compreensão sobre as relações estabelecidas no cotidiano familiar e profissional em que está inserida.

As professoras (B) e (C) disseram se denominar como professoras para as crianças, porque tia se remete a parentesco, o que corrobora com o pensamento de Freire (1997), conforme fragmento abaixo:

> [...] A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com

> alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a *professora* em *tia* de seus alunos [...]. (FREIRE, 1997, p. 9).

Tanto a professora quanto a tia podem ensinar, só que são ensinamentos distintos porque cada uma tem representações diferentes em seus papeis. Desta forma, a professora não representa a tia durante seu trabalho, nem a tia faz o papel da professora quando está com seus sobrinhos:

> Não há registro da época exata que esse modismo, de chamar a professora de tia, começou no Brasil, que é, segundo os especialistas investigados neste estudo, o único país do mundo que tem esse costume. Não há, também, consenso dos motivos que levaram a essa prática. Quanto aos motivos que levaram as crianças a denominarem suas professoras de tias há duas correntes distintas entre especialistas da educação que mereceram destaque neste estudo. Por um lado, há quem acredite que esse costume foi incentivado pelas mães que começaram a trabalhar fora de casa e que não desejavam que seus filhos fossem entregues a uma professora autoritária como a existente em sua época. A segunda corrente atribuiu esse modismo a uma forma que governantes encontraram para inibir as professoras a lutarem por direitos de melhores salários, condições de trabalho e reconhecimento profissional. Afinal, nenhuma tia deixa de cumpri r a obrigação para com seu sobrinho em detrimento de um direito seu. (SANTOS, 2015, p.11-12).

Em discordância com Santos (2015), denominar as professoras como "tias" não pode ser considerado modismo, porque podemos pensar "a moda" como algo que surge em determinada época e várias pessoas adotam, mas, depois de certo tempo, as pessoas deixam de usar, porém o mesmo não ocorreu com a substituição da nomenclatura professora por tia que se instalou no Brasil há muito tempo e permanece na atualidade.

Santana (2010, p. 40) relata que "[...] a educação infantil, historicamente, sempre esteve relacionada ao universo da mulher, devido às características culturais específicas consideradas de grande importância para os atuantes da área. Diante do discurso de inferioridade da mulher, associaram também a educação como uma profissão inferior, justificando a falta de interesse dos homens pela profissão [...]. Na sociedade isso se reflete através de condições que causam dificuldades e o rendimento dos profissionais que repercute na qualidade do trabalho".

E, segundo Scheibe (2010, p. 987),

> [...] foram constituídas recentemente com a finalidade de valorizar o campo profissional, [...] tais como a Lei do Piso Salarial (Brasil, 2008) e, mais recentemente, as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica (BRASIL/MEC/CNE, 2009). Contudo, é na formação docente que encontramos hoje o foco central das políticas nacionais ocorridas no cenário

> da educação brasileira desde a década de 1990. O professor, tido como agente de mudança, emerge, pois, cada vez mais, como o responsável pela realização do ideário do século XXI.

A Lei do Piso Salarial e as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira com certeza vieram a contribuir com a valorização do trabalho docente, pois elas asseguram os direitos que os profissionais não tinham anteriormente. Foi um grande avanço para a área profissional que sempre lutou pelo reconhecimento e valorização do seu trabalho.

Ao perguntar para as docentes se o profissional da educação infantil é desvalorizado por trabalhar com crianças pequenas as respostas foram: "*Às vezes ainda existe o preconceito com o profissional em relação ao banho, higiene, alimentação, pois este não é considerado como um profissional e sim um cuidador*" (PROFESSORA B).

A educação infantil ainda é vista por algumas pessoas como um espaço onde as crianças são deixadas por um período para serem cuidadas e higienizadas, enquanto aqueles que são responsáveis por elas estão trabalhando "*muitos falam que não somos educadoras e sim quem cuida de criança*" (PROFESSORA C).

Das seis professoras que participaram da pesquisa, apenas duas não gostam de ser chamada de tias: a Professora B diz que tia é uma pessoa do convívio familiar e quer valorizar a profissão se não as professoras sempre serão chamadas de tias. De acordo com a profissional, a profissão precisa ser valorizada porque há muito preconceito por parte da sociedade. A Professora C relatou que não utiliza o termo porque é professora e não tia das crianças.

Essas professoras demonstram ter mais esclarecimento em relação à utilização dos termos tia e professora e certamente têm clareza da identidade constituída ao longo de suas trajetórias profissionais:

> A identidade [...] é uma manifestação do que os sujeitos dizem que são e que desejam ser, por meio das autodescrições e autoavaliações geradas nas histórias de suas vidas e que refletem a autoimagem que o sujeito tem. [...] É o sentimento pessoal de sua identidade como sistema de representações que possibilita ao sujeito identificar-se como tal, no contexto das relações com os outros. As análises pessoais (individuais), sociais e profissionais que fazemos nos levam a sustentar a necessidade de compreender a dialética do individual e do grupo (o social) por meio da qual se insere o grupo profissional nos processos de construção e ressignificação de identidades. Dois elementos constituem a identidade [...]: a autoimagem e a autoestima. A primeira diz respeito a uma atitude positiva ou negativa em relação ao eu, e a segunda, ao processo de interação do sujeito com os outros, no contexto mediado pelo juízo que o sujeito faz de si mesmo. (HABERMAS, 1978 apud NUÑEZ; RAMALHO, 2005, p. 97).

A pessoa constrói sua identidade ao longo de vida não, pois este não se trata de um processo pelo qual se tem começo, meio e fim, assim, esta é constituída gradativamente durante toda sua existência é a forma como os indivíduos se apresentam descrevendo sua imagem.

A identidade representa sentimentos que possibilitam a identificação como tal, nas relações estabelecidas com outras pessoas, o que nos leva a compreender o raciocínio individual e coletivo por meio da inserção do profissionalismo na construção da identidade.

A identidade pode ser representada pela própria imagem e motivação podendo ser positiva ou negativa, na forma como o sujeito se relaciona com os outros, na mediação do contexto no que pensa sobre si.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A prática docente exige reflexão acerca da postura do profissional que pode levar a valorização ou desvalorização do seu trabalho. É importante que o professor/a se valorize não se identificando como tio/tia.

Embora atuem como professoras ficou evidente que algumas profissionais, principalmente dos berçários, se sentem mais como tias das crianças; no caso das auxiliares, por não terem concluído o processo de formação, dizem ser mais fácil de pronunciar a palavra tia ao invés de professora, além do primeiro termo ser uma forma carinhosa.

As professoras também pensam da mesma forma. Provavelmente, as auxiliares não tiveram a informação de que a partir do momento em que começam o exercício da profissão já são consideradas professoras (em formação) por esta razão já podem se referir a si mesmas como professoras.

A maioria das docentes não vê a utilização do termo tia como algo negativo nem como forma de desvalorização. Mas ao referirem-se como tias, as mesmas deixam de se reconhecer como profissionais.

A professora também pode ser carinhosa com as crianças e ser chamada preferencialmente pelo nome, pois o termo tia em si, não passa nenhum tipo de afetividade na relação entre a criança e a profissional, pois o que fará a diferença é a forma como os pequenos são tratados no ambiente institucional por aqueles que estão responsáveis pelos mesmos.

Desde o berçário, as crianças devem ter a informação de que o/a educador/a que passa parte do tempo na instituição deve ser identificado como professor/a, assim, à medida que

forem crescendo sempre ouvindo essa forma de identificação, terão menos dificuldade em pronunciar a palavra. A valorização deve partir do próprio docente.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*: cartas de quem ousa ensinar. São Paulo, Editora Olho D'água. 1997.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social* . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBERNÒN, Francisco. *Formação permanente do professorado*. São Paulo: Cortez, 2009.

JOSSO, Marie-Chistine. As experiências ao longo das quais se formam identidades e subjetividades. In: _____. *Experiências de vida e formação*. Lisboa Educa, 2002.

NOGUEIRA, Aracy. *Pesquisa social*: introdução a suas técnicas. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

NUÑEZ, Isauro Beltrán; RAMALHO, Betânia Leite. A pesquisa como recurso da formação e da construção de uma nova identidade docente: notas para uma discussão inicial. *ECCOS*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 87-111, jun. 2005.

SANTANA, Shirlei Cristina Oliveira de. *A desvalorização do professor de educação infantil e seu impacto na atuação dos profissionais da área*. Salvador: Ed.? 2010.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. Professora não é tia: professora é educadora. *Estação Cientifica,* Juiz de Fora, n° 13, jan./jun. 2015.

SARAT, Magda. Infância e Educação Infantil: concepções iniciais acerca do trabalho docente. *Grupo de Pesquisa* "Educação e Processo Civilizador". CAFP/CAPES/SPU, 2014.

SCHEIBE, Leda. *Valorização e formação dos professores para a Educação Básica:* questões desafiadoras para um novo Plano Nacional de Educação. Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul./set. 2010.

TONINATO, Tatiane Dalpério. Formação identitária dos professores da Educação Infantil: compreensão a cerca do trabalho docente. *Dissertação.* (Mestrado em Educação), 2006. Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Estadual Paulista. Campus de Presidente Prudente. 2006.